



Caminhos críticos: cruzamentos

Critical Paths: Intersections

Maria Nazareth Soares Fonseca

Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil

nazareth.fonseca@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8734-6295>

Resumo: O texto parte de artigo de Eneida Maria de Souza apresentado em 2011 em GT da ANPOLL. Cruza as considerações construídas com afirmações feitas pela Profa. Inocência Mata, em texto de 2013, para destacar, em textos de críticos africanos, brasileiros e portugueses, que participaram de evento ocorrido no Brasil em 2010, posições sobre os rumos do comparativismo literário no campo das literaturas africanas de língua portuguesa, além de referir-se a diálogos explícitos entre as literaturas de Angola e Cabo Verde com autores brasileiros, produzidos em diferentes momentos.

Palavras-Chave: Literatura Comparada; Comparativismo literário; Olhares críticos; Cruzamentos textuais.

Abstract: The text is based on an article by Eneida Maria de Souza presented in 2011 in an ANPOLL GD. It compares and contrasts the considerations contained therein with statements made by Inocência Mata, in a text from 2013 to highlight, in texts by African, Brazilian and Portuguese critics who participated in an event held in Brazil in 2010, positions on the directions of literary comparativism in the field of Portuguese-speaking African literatures, in addition to referring to explicit dialogues between the literatures of Angola and Cape Verde with Brazilian authors, produced at different times.

Keywords: Comparative Literature; Literary Comparativism; Critical views; Textual intersections.

No artigo “Literatura Comparada, indisciplina”¹, apresentado pela primeira vez no GT de Literatura Comparada da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), em 2011, sua autora,

¹ O artigo, originalmente apresentado no GT de Literatura Comparada da ANPOLL, em julho de 2011, foi publicado no periódico *Em Tese*, n. 3, em 2014, e no livro *Narrativas*

Eneida Maria de Souza revela seu incômodo com críticas contrárias aos rumos assumidos pela Literatura Comparada decorrentes de “visões ainda pré-modernas e pré-globalizadas” que, segundo ela, ainda imperavam nos Departamentos de Letras, demonstrando que os avanços decorrentes da expansão “da prática da transdisciplinaridade e da transnacionalização da literatura” (SOUZA, 2021, p. 301) não eram considerados em tais cursos. O título escolhido pela autora para nomear o artigo em referência expressa bem o seu desconforto ao lidar com visões ainda muito apegadas a perspectivas teóricas não endossadas pela Literatura Comparada à época. Ao registrar, no título, a palavra “indisciplina”, Eneida de Souza queria afirmar não apenas a sua adesão às alterações de enfoque da disciplina, mas, sobretudo, indicar que as mudanças decorriam do fato de a Literatura Comparada estar continuamente se questionando, propondo diferentes abordagens, em clara indicação de que sempre trilhou uma multiplicidade de caminhos.

Desde então, o texto da Eneida vem incentivando discussões que já estavam sendo feitas não apenas pelos críticos que, de forma direta, se envolviam com questões teóricas discutidas em encontros do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, mas também por outros estudiosos de diferentes literaturas, sobretudo por docentes que vinham se envolvendo, de forma mais incisiva, com o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil.

Se observarmos propostas de muitos dos cursos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa relativos aos anos 1990, podemos intuir que a feição comparatista estava presente em várias delas, seguindo, por exemplo, posturas relativas à visão da literatura como expressão de anseios sociais e as motivações seguidas por movimentos literários surgidos, em alguns dos países africanos de língua portuguesa, a partir do final da década de 1940 e dos primeiros anos da década de 1950.

A feição comparatista fortalecia estudos mais pontuais sobre a literatura de cada um dos países, com destaque para o gênero poesia que, desde o século XIX, era cultivado pela maioria dos escritores africanos. Sem se ligar a questões específicas da Literatura Comparada, exercitava-se, nos estudos literários, o comparativismo, sobretudo, se levamos em consideração os diálogos literários de poetas e poetisas africanos(as) de

Angola e Moçambique com feições da Negritude, surgida nos anos 1930, em Paris. O crítico Manuel Ferreira, em obra publicada em 1989, destaca a presença de conteúdos da Negritude na poesia de Francisco José Tenreiro e Alda Espírito Santo, de São Tomé e Príncipe; Agostinho Neto, de Angola e Noémia de Souza e José Craveirinha, de Moçambique (FERREIRA, 1989, p. 78). Essa questão irá motivar estudos comparatistas em cursos e estudos realizados no Brasil nos quais se valorizava a produção poética de poetas e poetisas negritudinistas voltada à conscientização sobre os malefícios impostos pelo colonialismo português em África.

Um texto publicado, em 2013, pela Profa. Inocência Mata, com o título “Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África”, trata de questões relacionadas ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa que, de certa maneira, poderiam ser discutidas com a ajuda do texto da Eneida Maria de Souza. Inocência Mata refere-se ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa que, segundo ela, até o final dos anos 1990, assumia uma abordagem interna raramente voltada ao comparativismo literário. Para melhor esclarecer as suas considerações, Mata refere-se a evento “exclusivamente dedicado às literaturas africanas de língua portuguesa” (MATA, 2013, p. 108 -109), organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1984, para destacar a quase total ausência de estudos comparatistas entre os textos apresentados. Mata também considera o fato de, durante vários anos, as literaturas africanas de língua portuguesa terem sido contempladas em disciplinas de Literatura Portuguesa, sendo os escritores e escritoras africanos(as) dados(as) a conhecer a partir de uma dimensão estritamente interna e marcadamente político-ideológica (MATA, 2013, p. 109). Entende-se que Mata considera a pouca presença, em estudos de autores e autoras africanos(as), sobretudo em época em que os professores de Literatura Portuguesa consideravam importante apresentar, em seus cursos, escritores de África, a exemplo do que, por vezes, foi feito em cursos de Literatura Francesa e Literatura Inglesa em que também eram apresentados autores nascidos na África e nas Antilhas, ainda que essa apresentação nem sempre se guiasse por pressupostos da Literatura Comparada.

As considerações feitas por Eneida Maria de Souza, no texto apresentado à ANPOLL, em 2011, e por Inocência Mata, no artigo publicado em 2013, instigam este texto a revisitar propostas de discussão assumidas por

alguns dos críticos presentes no IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, realizado em Ouro Preto, em 2010, em cujas falas podem ser identificados aspectos das questões apontadas Souza, no âmbito da Literatura Comparada, e por Mata, ao abordar feições específicas do comparativismo literário, no âmbito das literaturas africanas de língua portuguesa.

O IV Encontro, como ficou conhecido, tinha como proposta discutir as dinâmicas culturais e literárias do continente africano, mostrando-se aberto aos trânsitos e conexões entre culturas e literaturas. A escolha do subtítulo do evento, “dinâmicas culturais e literárias”, tinha por objetivo a ênfase na desconstrução de lugares fixos, ainda que também acolhesse as singularidades dos sistemas literários de cada país da África. Essas diretrizes nos autorizam a indagar como se manifestaram, no aludido evento, os estudiosos e críticos das literaturas africanas de língua portuguesa sobre questões trazidas pelo ensino de literaturas africanas em cenários definidos pela globalização. Com o intuito de compreender os trânsitos e os contatos delineados para além da questão linguística, pensamos ser importante apontar algumas considerações feitas em textos assinados por críticos(as) africanos(as) brasileiros(as) e portugueses(as), posteriormente publicados no livro *África*, dinâmicas culturais e literárias, organizado por mim e pela Profa. Maria Zilda Cury, em 2012.

A necessidade de um comparativismo literário africano é defendida pelo crítico angolano Luiz Kandjimbo, no texto apresentado por ele na sessão de encerramento do evento. Kandjimbo considerou o volume de trabalhos de investigação consagrados às literaturas africanas de língua portuguesa, publicados após 1975, como impulso à disciplinarização desses estudos, em diferentes universidades do mundo, não deixando de salientar “a necessidade de desenvolver um ensino interdisciplinar, cruzando os Estudos Africanos e as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e estabelecendo as devidas linhas de diálogo com as Literaturas Africanas de Língua Inglesa e Língua Francesa” (KANDJIMBO, 2012, p. 47).

O crítico angolano destaca a importância de ser considerada, nos estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, uma perspectiva comparatista que privilegiasse, em primeiro lugar, abordagens interafricanas, para, posteriormente, serem enfocados os espaços demarcados pelas cinco literaturas publicadas em português. A perspectiva de Kandjimbo, no texto em questão, parece imprimir um alargamento do que é considerado por

Inocência Mata como “comparativismo interno”, uma vez que leva em conta questões postas pela crítica produzida por africanos e não africanos sobre as literaturas produzidas em África.

O crítico realiza uma vasta descrição de fatos políticos e culturais para explicar como as literaturas africanas passaram a figurar nos currículos de grandes universidades do continente, em países de colonização inglesa e francesa, após as independências, muitas vezes estudadas a partir de pontos de vista críticos produzidos por autores não africanos e de conceitos próprios à Literatura Comparada. Kandjimbo ressalta que essas ações permitiram não apenas os estudos sobre as diferentes literaturas produzidas em África, bem como “uma articulação de temas e problemas que apontam para a necessidade de um comparativismo literário africano” (KANDJIMBO, 2012, p. 38). No texto em questão, Kandjimbo mostra-se entusiasmado com a proposta de criação da Associação Internacional de Estudos de Culturas e Literaturas Africanas, a AFROLIC, vista por ele como propícia à defesa de um pluralismo teórico e crítico, que tem “o relativismo epistêmico como um princípio fundamental” (KANDJIMBO, 2012, p. 58).

Benjamim Abdala Júnior, em texto apresentado na Seção “Diálogos Impertinentes”, considerou os ganhos a serem alcançados, nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa, por “um comparativismo prospectivo” voltado às matizações dos processos históricos dos espaços de língua portuguesa (ABDALA JÚNIOR, 2012, p. 74). Fica destacada, em seu texto, uma posição a favor de diálogos de culturas, de negociações, repactualizações e conexões inclinadas a misturas e à transculturação, termos que explicitam a proposta de que, paralelamente a um “comparativismo, politicamente crítico, voltado para as circunstâncias históricas da colonização”, exercite-se “o da solidariedade, pautado pelo diálogo de culturas, onde se relevem as diferenças e o que elas têm em comum” (ABDALA JÚNIOR, 2012, p. 75).

A crítica Fátima Mendonça, de Moçambique, chama a atenção para o uso de conceitos utilizados por teorias pós-coloniais sem a necessária avaliação de seus possíveis sentidos, o que, segundo ela, poderia redundar em armadilhas no campo da crítica literária. Mendonça defende o fortalecimento de “estudos histórico-literários e comparatistas para o reconhecimento dos sistemas literários surgidos em contextos coloniais”, sem que se oblitarem os fundamentos estéticos das literaturas africanas de língua portuguesa e sua inserção na historiografia nacional e regional” (MENDONÇA, 2012, p. 104–105).

No texto de Fátima Mendonça, ficam ressaltados enfoques da literatura moçambicana que levam em consideração os traços e manifestações que fazem de Moçambique um território de cruzamentos linguísticos e culturais inscrito numa história cultural comum compartilhada com outros países da região austral de África: África do Sul, Zimbábwe, Zâmbia ou Malawi (MENDONÇA, 2012, p. 103–104). As discussões em torno de propostas que interessam à Literatura Comparada, no texto de Mendonça, articulam-se em meio a afirmações em torno de questões específicas das literaturas africanas de língua portuguesa, sobretudo sendo consideradas as singularidades da literatura de Moçambique.

A diversidade de temas tratados pelo IV Encontro permitiu que Margarida Calafate Ribeiro, da Universidade de Coimbra, ao tratar da obra *De rios e guerrilheiros*, de Luandino Vieira, cobre do escritor a presença das mulheres “que tanto lutaram pela nação e que tanto lutam pela sucessiva construção da nação angolana, inventando a vida todos os dias” (RIBEIRO, 2012, p. 166). A variedade de temas permitiu que Inocência Mata, instigada pelos objetivos da Seção “Diálogos Impertinentes”, alertasse para o perigo de a “liberdade de escolha e do cosmopolitismo literário, que supostamente seriam vantagens decorrentes do processo de globalização”, pudessem se constituir em miragem, uma vez que os critérios de seleção de autores e obras, adotados por editoras não africanas (e por cursos de literaturas africanas de língua portuguesa, na Europa e no Brasil) possam “erigir-se a representações metonímicas da dimensão da cultura portuguesa e da vocação atlântica de Portugal” (MATA, 2012, p. 141).

No seio de considerações bem pontuais apresentadas, por vezes de forma descritiva e, por outras, de modo bastante crítico ao trabalho efetivo com as literaturas africanas de língua portuguesa, foram destacadas perspectivas transnacionais como forma de ultrapassar os estudos internos dessas literaturas, abrindo-se espaço para as relações entre as literaturas africanas de língua portuguesa e as literaturas africanas escritas em francês e em inglês, bem como para explicitar “a contribuição que as colônias (parte do “resto do mundo”) deram para a construção da realidade histórica e cultural de Portugal e da Europa – a partir de uma reinterpretação da história a partir das margens”(MATA, 2013, p. 110).

Os vários teóricos oriundos de diferentes lugares da África, Europa e Brasil, convidados para apresentarem seus pontos de vista no IV Encontro indicam uma virada que considera os saberes locais e outras racionalidades para dar conta da diversidade do continente africano, propondo contatos entre

a literatura escrita e gêneros da oratura, entre a ficção e expressões musicais, como discute Félix Ayoh'Omidire, titular na Universidade Obafemi Awolowo, em Ilê-Ifé, na Nigéria, no texto em que compara o romance *Mayombe*, do angolano Pepetela, com a canção “Sou realista”, do rapista angolano Yannick Afroman, para discutir as concepções de mestiçagem que se disseminaram por Angola, no período colonial, e no Brasil em que o endosso de ideias e mitos permitiram a Gilberto Freyre considerar as misturas interracialias “como marca registrada do país”(AYOH'OMIDIRE, 2012, p. 277).

A leitura dos textos apresentados nesse IV Encontro permite observar os rumos tomados pelos estudos críticos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa em sua expansão pela Europa e pelo Brasil, e também os conflitos decorrentes de diferentes pontos de vista. No ensino das literaturas africanas de língua portuguesa foram considerados os fechamentos provocados por um enfoque disciplinar e, ao mesmo tempo, ressaltados os diálogos inerentes à própria constituição de textos que, ao encenarem os cenários de uma luta em prol da libertação dos países das peias da colonização portuguesa, valeram-se de recursos estéticos próprios e alheios, gerados em confluências em que o literário é posto a dialogar com sintaxes típicas da oralidade e com recursos de criatividade que distendem os limites da invenção, como se vê, por exemplo, em textos de Luandino Vieira, e Boaventura Cardoso, de Angola, de Mia Couto, de Moçambique, quando se valem de inventividades que remontam ao estilo de Guimarães Rosa. Destacam-se ainda os recursos de criação literária que se mostram em textos de Ondjaki, quando retoma Luandino Veira, ou José Eduardo Agualusa, quando recupera personagem de Eça de Queiroz, para instalá-la em cenários africanos. Exercícios de comparações inusitadas e, como acentua o texto de Eneida de Souza, de indisciplina característica de produções legitimadas pela Literatura Comparada, quando assume a impossibilidade de ser reduzida a método de abordagem da literatura.

Em meio à necessidade de se conhecer mais a fundo a literatura de cada um dos cinco países africanos que assumiram o português como língua oficial no dealbar das jovens nações surgidas em 1975, impõem-se trajetórias críticas que defendem perspectivas comparatistas necessárias ao exame de feições da chamada “literatura de combate”, mais fortemente representada por poetas e poetisas da “fase nacionalista sob dominação colonial” (LARANJEIRA, 1995, p. 31), sobretudo em Angola e Moçambique. Basta que se recorra aos matizes da poesia produzida por poetas como Agostinho Neto e António Jacinto, de Angola, comparando-os com a

poesia criada, em Moçambique, por Noémia de Souza e José Craveirinha, levando em consideração a incursão dessa produção nas sendas abertas pela Negritude. Ou que se destaquem os modos como, em projetos literários dos países africanos de língua portuguesa, foram literariamente encenados os motivos ligados à terra, percebida como espaço matricial para muitos poetas e poetisas da África de Língua Portuguesa, ainda que ressaltadas as diferenças formais assumidas por poetas do Movimento Claridade, de Cabo Verde, do Movimento dos Novos Intelectuais Angolanos, de Angola, e pela poesia telúrica de Francisco José Tenreiro, Manuela Margarido e Alda Espírito Santo, de São Tomé e Príncipe. Nas propostas desses movimentos, já se indicavam construções literárias voltadas à celebração de aspectos de um espaço geográfico específico, mas propenso a detalhar feições do continente africano. O local distendendo-se em busca de outras paisagens, desprendendo-se das fronteiras demarcadas pela Conferência de Berlim. Por outro lado, embora esteja presente, nos estudos das literaturas africanas de língua africana, a afirmação da identidade literária nacional, nesses estudos estão também valorizados, como assinala Mata (2013, p. 113), os “fluxos e conexões entre as literaturas em português”.

Muitas dessas conexões são marcas de propostas literárias concretas, como as existentes entre textos dos claridosos cabo-verdianos, em fases diversas a partir de 1936, quando se efetiva um exercício de escrita poética que explicita diálogos concretos com poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, mas também de João Cabral de Melo Neto em retomadas feitas por poetas da primeira fase de Claridade, em Cabo Verde. Interessante destacar que, entre os poetas de Cabo Verde, o fascínio pela poesia de Manuel Bandeira chega a criar uma vertente poética nomeada “Pasargadismo literário” que dará ao tema do evasãoismo e ao territorialismo uma gama de sentidos que ressignificam o destino imigrante imposto aos cabo-verdianos pela hostilidade do clima e pelos intensos problemas sociais. A poesia de Bandeira incentivará outras vertentes poéticas em que as questões sociais encenadas por poemas como “Poema tirado de uma notícia de jornal”, do livro *Libertinagem*, de 1930, e “Bicho”, escrito por ele no ano de 1947, sejam relidos por poetas de Claridade, tendo como referência realidades sociais de Cabo Verde e mesmo dos Estados Unidos.

O escritor Arménio Vieira opta por transgredir a noção de diálogos intertextuais realizados em pautas herdeiras de feições comparativas legitimadas por noções hoje rejeitadas. Das releituras de poemas de João Cabral feitas por Arménio Vieira, Prêmio Camões de 2009, é importante

destacar o longo poema “Dez poemas e mais um”, publicado no livro *MITOgrafias*, publicado em Cabo Verde, em 2006. Arménio Vieira retoma o poema de Cabral “A Carlos Drummond de Andrade”, publicado no livro *O Engenheiro*, em 1945, como incentivo para refletir sobre motivos que circulam pela poesia de Cabral, mas afastando-se da forma como os primeiros claridosos dialogaram com a poesia do modernismo brasileiro, sobretudo com a de Manuel Bandeira, muitas vezes repisando um comparativismo em que se mantêm as noções de fonte e influências, conceitos caros para a Literatura Comparada em fase já ultrapassada. Arménio Vieira, na retomada criativa que realiza do poema de João Cabral de Melo Neto, “A Carlos Drummond de Andrade”, recorre a feições específicas do fazer poético para dizer ao poeta brasileiro nascido em Pernambuco: “não há guarda-chuva, João/ contra os enguiços do poema” (VIEIRA, 2006, p. 24). É possível afirmar que Vieira opera com recursos do que Inocência Mata caracteriza como transnacionalidade dos estilos própria de uma dinâmica de interlocuções que ajuda a delinear os contornos de “zonas de contato” que se configurariam por “fluxos e conexões entre as literaturas em português” (MATA, 2013, p. 13).

Uma outra feição das conexões entre obras e autores brasileiros com poetas e ficcionistas africanos oriundos dos espaços de língua portuguesa está exposta no livro do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho, *Desmedida: Luanda-São Paulo-São Francisco e Volta – Crônicas do Brasil*, publicado em 2006. A proposta do livro é bastante singular, uma vez que expressa o querer ir ver, de perto, os sertões criados por Guimarães Rosa, em *Grande sertão, veredas*, e por Euclides da Cunha, em *Os sertões*. A viagem pelos sertões, literariamente invocados e (re)construídos, é tecida com impressões de viajantes estrangeiros pelo Brasil, como Blaise Cendrars, que visitou o país, em 1924, tendo feito “conferências em São Paulo e andou com Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral pelas cidades do ouro de Minas Gerais” (CARVALHO, 2006, p. 19). São também retomados, no livro, os diários de Sir Richard Burton, “o da descoberta das nascentes do Nilo, o da viagem clandestina a Meca, tradutor de Mil e Uma Noites e dos Lusíadas” e que “desceu o Rio das Velhas, de Sabará a Pirapora e o São Francisco daí até à foz” (CARVALHO, 2006, p. 23). Com as impressões de viagens de viajantes que andaram pelo Brasil, é construído o plano da viagem a ser realizada por um viajante que “Vindo de outros meios, de outras margens do mesmo hemisfério” quer prestar tributo “a alguns magos a quem devo exaltações marcantes, horas imensas que passei a apaixonar-me, tão longe daqui, também por Diadorins,

Doraldas, Zés Bebelos, caladas moças, cabras, machos, profetas e bandidos, conselheiros, lampiões” (CARVALHO, 2006, p. 62).

Com essa proposta singular, o livro sela o tributo do autor angolano à literatura brasileira e caminha por realidades e paisagens que cobrem “a desmesurada desmedida de um liso enorme, raso perverso, o liso pior havente, escampo dos infernos, chão esturricado, esses mares de sertão” (CARVALHO, 2006, p. 65). Como afirma Rita Chaves (2006), o livro expõe um processo de escrita em que

o autor insere-se como sujeito ao debruçar-se sobre o Brasil e, a partir daí, construir sobre o país imagens empenhadas no esclarecimento de suas complexidades, com base nas quais busca apreender novas figurações de um espaço, que, entre semelhanças e assimetrias, podem favorecer o conhecimento e o reconhecimento de Angola (CHAVES, 2006, p. 286)

O livro de Ruy Duarte de Carvalho encena contatos que se efetivam distante dos roteiros consagrados por viajantes europeus quando estiveram no Brasil. E, pode-se dizer, expõe uma experiência de escrita que explora intercâmbios e experiências capazes de estabelecer outras conexões e outros tipos de diálogos entre as literaturas escritas em português, explicitando formas de comparativismo que, como acentua Eneida de Souza, “só tendem a ampliar o horizonte nem tão sombrio da disciplina/indisciplina literatura comparada” (SOUZA, 2021, p. 312).

As ferramentas utilizadas pelo comparativismo fazem parte dos estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, ainda que também sejam consideradas as características que as legitimam como expressões literárias de determinados espaços africanos que, embora parte de uma História comum, vão recortando, de forma dessemelhante, seu modo de existir.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Liminaridades identitárias: para uma geocrítica do eurocentrismo (Novas críticas). In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda (org.) *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012, p. 66–88.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Desmedida, Luanda-São Paulo-São Francisco e volta* – Crônicas do Brasil. Lisboa: Cotovia, 2006.

CHAVES, Rita. Desmedida: O Brasil para além da paisagem, em Ruy Duarte de Carvalho. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 26, n. 2, p. 279–291, jul./

dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v26i2.8636046>. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636046>>. Acesso em: 09 jan. 2023.

FERREIRA, Manuel. Negritude, negrismo, indigenismo. In: FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano I*. Amadora: Plátano Editora S. A., 1989, p. 57-83.

KANDJIMBO, Luiz. A incompletude no processo de disciplinarização das literaturas africanas. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda (org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012, p. 33-63.

LARANJEIRA, Pires. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

MATA, Inocência. Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África. 1616: *Anuário de Literatura Comparada*, Salamanca, Espanha, v. 3, p. 107-122, 2013.

MATA, Inocência. Para uma geocrítica do eurocentrismo. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda (org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012, p. 123-144.

MENDONÇA, Fátima. Tópicos para discussão: os críticos, a crítica e os conceitos. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda (org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012, p. 88-107.

AYOH'OMIDIRE, Felix. Mestiçagem e o discurso identitário em Angola e no Brasil: uma análise do romance Mayombe, de Pepetela e da música “Sou realista”, do rapista Afroman Yannick. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda (org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012, p. 273-298.

SOUZA, Eneida Maria de. Literatura Comparada, indisciplina. In: SOUZA, Eneida Maria de. *Narrativas impuras*. Recife: Cepe, 2021, p. 301-312.

VIEIRA, Arménio. Dez poemas mais um. In: VIEIRA, Arménio. *Mitografias*. Mindelo: Ilhéu Editora, 2006, p. 15-25.